



UFPB

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

UMBERTO PETRILLI NETO

**OS 20 DIAS DE LÁZARO: *FAIT DIVERS* E SENSACIONALISMO NO PROGRAMA
CÂMERA RECORD**

JOÃO PESSOA – PB

2024

UMBERTO PETRILLI NETO

**OS 20 DIAS DE LÁZARO: *FAIT DIVERS* E SENSACIONALISMO NO PROGRAMA
CÂMERA RECORD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Suelly Maux

JOÃO PESSOA – PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P4952 Petrilli Neto, Umberto.

Os 20 dias de Lázaro: fait divers e sensacionalismo
no programa Câmara Record / Umberto Petrilli Neto. -
João Pessoa, 2024.

46 f.

Orientação: Suelly Maux.

TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Telejornalismo. 3.
Jornalismo sensacionalista. 4. Câmara Record (Programa
TV). 5. Análise de discurso. I. Maux, Suelly. II.
Título.

UFPB/CCTA

CDU 070.16(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno(a): **UMBERTO PETRILLI NETO**

Título do trabalho: **OS 20 DIAS DE LAZARO: FAIT DIVERS E SENSACIONALISMO NO PROGRAMA CÂMERA RECORD.**

Aprovado em 24 10 de junho /2024, com média 10 (dez)

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) orientador(a): **PROFA. DRA. SVELLY MAUX**

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: Smaux

Professor(a) examinador(a): **PROFA. DRA. ZULMIRA NOBREGA PIVA DE CARVALHO**

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: Zulmira

Professor(a) examinador(a): **PROFA. DRA. MARLUCE PEREIRA DA SILVA**

Instituição **UFPB**

Assinatura: Marluce

Dedico esse trabalho à minha avó Soely.

Descanse em paz, Nonninha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, que sempre fez de tudo para que eu pudesse caminhar pelos lugares que caminhei com o conforto que nem sei se mereci. Mais especificamente aos meus pais, Laslei e Umberto, por terem me fornecido ferramentas materiais e subjetivas durante minha trajetória.

Gostaria de agradecer também ao meu Nonno Umberto, e minha Nonna Soely, que são representantes dos meus demais familiares de Jundiaí, São Paulo, cidade na qual fiz cursinho preparatório para ingressar na Universidade. O acolhimento recebido por eles foi fundamental para chegar onde cheguei.

Queria também agradecer ao meu tio Arislei, que faleceu durante meus anos de graduação, porém, tenho certeza que grande parte dos meus estímulos comunicativos partiram dele, sendo assim, grande responsável em guiar minhas habilidades, e agora, me tornar profissional na área! Valeu Dunha, te amo muito, de onde quer que você esteja, beijo do Zé.

Agradeço também a minha namorada, Nichole, que esteve do meu lado durante os momentos mais críticos dessa reta final da minha graduação, sendo um ponto de equilíbrio nesse período caótico.

Devo meus sinceros agradecimentos também à minha orientadora, Profa. Dra. Suelly Maux, pela atenção e paciência que teve comigo em todas as vezes que trabalhamos juntos, foi de grande importância para o desenvolvimento de uma visão mais leve da docência.

Para finalizar, devo meus sinceros agradecimentos ao Umberto do passado, por não ter desistido de mim, mesmo em situações onde não se via sentidos ou expectativas que realmente transmitisse a força de vontade esperada para continuar, onde a única forma de seguir em frente era a fé, virtude essa que nunca foi meu forte, mas que em muitos momentos cruciais, foi a dele.

Se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve.

A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível.

(Alice no país das maravilhas)

RESUMO

Este estudo investiga o uso do sensacionalismo na mídia, com foco na cobertura jornalística do caso Lázaro pelo programa Câmera Record. A partir do conceito de *fait divers* no discurso sensacionalista, conforme proposto por Barthes (1957), o trabalho analisa como esse tipo de narrativa se afasta da imparcialidade jornalística, priorizando a criação de elementos dramáticos e fantasiosos em detrimento da função informativa. O jornalista, nesse contexto, abdica de sua função de mediador da verdade, adotando uma postura de representante das emoções populares, dizendo o que o público gostaria de ouvir, sem considerar as consequências éticas e profissionais de sua atuação. De acordo com Angrimani (1995), esse tipo de jornalismo leva o público a adotar uma posição passiva e voyeurística, ao ser exposto a conteúdos que exploram o extraordinário e o chocante. O objetivo central desta análise é compreender como o sensacionalismo afeta a percepção pública e contribui para uma visão distorcida da realidade, e, principalmente, as ferramentas utilizadas pelas instâncias midiáticas para essas manipulações.

Palavras-chave: sensacionalismo; *Fait divers*; jornalismo; Lázaro Barbosa; discurso.

ABSTRACT

This study investigates the use of sensationalism in the media, focusing on the journalistic coverage of Lázaro's case. Based on the concept of *fait divers* in sensationalist discourse, as proposed by Barthes (1957), the research analyzes how this type of narrative moves away from journalistic impartiality, prioritizing the creation of dramatic and fantastical elements over the informative function. In this context, the journalist abandons their role as a mediator of truth, adopting a stance as a representative of popular emotions, saying what the public wants to hear without considering the ethical and professional consequences of their actions. According to Angrimani (1995), this type of journalism leads the audience to adopt a passive and voyeuristic position, being exposed to content that explores the extraordinary and shocking. The central objective of this analysis is to understand how sensationalism affects public perception and contributes to a distorted view of reality, creating myths that hinder the understanding of the facts, and, mainly, the tools used by the media bodies for these manipulations.

Keywords: sensationalism; *Fait Divers*; journalism; Lázaro Barbosa; discourse.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	A REDE RECORD.....	10
2.1	PROGRAMA CÂMERA RECORD.....	12
3	O CASO LÁZARO.....	14
4	PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DO CASO LÁZARO.....	20
4.1	FAIT DIVERS.....	24
4.2	O SENSACIONALISMO POLICIAL.....	26
4.3	ANÁLISE “OS 20 DIAS DE LÁZARO”	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Durante o processo de consolidação da mídia como o quarto poder, o discurso sensacionalista tornou-se uma arma fundamental na criação de mitos (Barthes, 2004), que, como o próprio nome já diz, são mais fantasiosos do que reais. A super-dramatização, o enfoque à personagens secundários e os dilemas que são colocados em destaque, se distanciam da premissa jornalística de atuar como um mensageiro da verdade.

No jornalismo sensacionalista a imparcialidade não existe, e o extremismo é ovacionado. Segundo Angrimani (1995), esse tipo de jornalismo coloca o telespectador na posição de voyeur, que se sente saciado diante das perversões que são exploradas. O perverso é tudo aquilo que foge do tradicional, o violento, sexual, sentimentos que chocam por serem muito impactantes, e não pelo conteúdo específico da informação.

O jornalista perde o posto de mensageiro da verdade, vestindo a capa de justiceiro, que se utiliza de toda sua eloquência para ser um representante do povo, que fala aquilo que pensa, o que deve ser dito, mas ninguém tem coragem de dizer. A questão é, a coragem não é o elemento principal que está faltando nessa equação, e sim, o senso de profissionalismo, saber o lugar que ocupa na cadeia de informação e suas devidas responsabilidades e consequências de seus atos.

Roland Barthes (2004) conceitua esse tipo de jornalismo, sensacional, como *fait divers*, ou fatos diversos, sensacionalistas, que visam causar sensações acima de informar. Essa técnica é utilizada principalmente em conteúdos dramáticos, policiais, sobrenaturais, trágicos, dentre outros que exploram desejos e sentimentos íntimos do telespectador.

Segundo Azevedo e Wenckenovicz (2013), os fatos variados são atos gratuitos que afirmam a presença da paixão, morte e dos destinos para um leitor que, inconscientemente, quer vivenciar esses sentimentos recolhidos pelo mundo proibido, com seus desejos reprimidos. Esses fatos não informam o andamento do mundo, são dilemas cotidianos, normais, rompidos pela catástrofe, pela violência de uma realidade sádica, como nas tragédias gregas, na fatalidade.

Apesar das revoluções tecnológicas que vivenciamos no século XXI, de acordo com a Kantar IBOPE mídia, em seu levantamento Inside Video¹, mostrou que a televisão brasileira

¹ Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/conteudo-em-video-alcanca-996-dos-brasileiros/>
Acesso em: 18 set. 2024

alcançou 99,2% da população brasileira no ano de 2023. Isso quer dizer que praticamente toda a população brasileira consumiu programação de TVs abertas e pagas.

Essa informação demonstra o grande poder de influência dessas instâncias na vida do telespectador brasileiro, e evidencia o poder que está nas mãos das mesmas. Mediante o exposto, sintetiza-se que deve haver uma grande responsabilidade por parte dos profissionais da comunicação diante das ferramentas e modelos que estão sendo utilizados, porém, ao analisarmos o cenário brasileiro, percebemos diversas inconsistências.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo investigar as intenções subjacentes ao uso do sensacionalismo na mídia. Utilizando o caso de Lázaro Barbosa como objeto de estudo, busca-se compreender como essa linguagem afeta a percepção pública e contribui para a construção de um senso coletivo que, muitas vezes, é distorcido e prejudicial ao entendimento pleno da realidade.

No próximo capítulo, compreenderemos melhor sobre o objeto que será exposto, iniciando com uma contextualização da emissora Record TV, de suas origens embrionárias, sua ascensão dentro do mercado midiático, e as principais causas da emissora utilizar o discurso sensacionalista em diversas de suas programações.

Falaremos também sobre o programa Câmera Record, para entender seu modelo, intenções e vieses mais recorrentes em seus produtos. É de suma importância na compreensão de um discurso saber quem o emitiu, o lugar o qual ele foi produzido, e claro, o público que esse discurso pretendia atingir.

Posteriormente, no capítulo três, concluiremos a contextualização fazendo um panorama geral sobre a vida de Lázaro, desde seus primeiros crimes, suas fugas da prisão, cidades que passou, além de uma descrição informativa da perseguição policial que culminou na morte de Lázaro.

O capítulo quatro aborda o percurso metodológico e a análise propriamente dita do Caso Lázaro. Ele foi dividido em *Fait Divers*, ideologia norteadora do trabalho, seguida pelo Sensacionalismo Policial, que trará mais especificidade para os discursos jornalísticos, e finalmente, a análise do Caso Lázaro pelo programa Câmera Record, da Rede Record. O capítulo cinco refere-se às considerações finais, servindo como um apanhado geral das ideias expostas neste trabalho, seguido pelas conclusões tiradas durante a pesquisa..

2 A REDE RECORD

No dia 13 de junho de 1931, o advogado Paulo Machado de Carvalho iniciou sua caminhada no mundo da comunicação, tornando-se empresário ao comprar a pequena Rádio Record, apenas três anos depois de sua abertura. Logo em seus primeiros anos no controle da programação, Paulo Machado criou o primeiro Jornal exibido na rádio no país, sob comando do advogado e jornalista Assis Chateaubriand.

Em 1944, Paulo Machado comprou a Rádio Panamericana (passou a ser chamada de Jovem Pan no ano de 1965), passando a integrar o Grupo das Emissoras Unidas. Em 27 de setembro de 1953, o empresário expandia ainda mais seus horizontes, quando inaugurou a Rede Record de Televisão, oficialmente a quarta emissora a entrar na programação nacional.

Também tinha sob posse a TVs Rio e a Record, as quais compunham o Grupo das Emissoras Unidas, que acabou sendo extinto no ano de 1967 devido a desentendimento interno. Dois anos depois a aliança retornou, só que com outro nome, agora era a Rede de Emissoras Independentes (REI).

Após algumas dificuldades econômicas vividas pela emissora no ano de 1969, Paulo Machado começa a pensar em vender algumas parcelas da empresa, nisso, o empresário Silvio Santos demonstrou expressivo interesse, chegando a adquirir 50% das ações da corporação. Devido aos contratos de Silvio com a TV Paulista (atual rede Globo), ele conseguiu sair da emissora apenas em 1976, porém, seu programa só passou a ser exibido na Rede Record no ano de 1980.

Silvio Santos possuía 50% da Record, mas sempre teve a ambição de possuir sua própria rede televisiva, levando à fundação do Sistema Brasileiro de Comunicação, conhecido por todos como SBT, no ano de 1981. Em praticamente quatro anos de emissora, o SBT já estava estruturado no país, sendo o segundo canal mais assistido do ano de 1985, na frente inclusive da TV Manchete, veículo de muita relevância.

Com o pano de fundo estabelecido e estruturado, o empresário pôde dar início ao seu plano em migrar de vez para o SBT, quando em 1987 o seu programa, Programa do Silvio Santos, carro-chefe de audiência em todas as emissoras que participou, deixa de ser exibido permanentemente na Record. Isso fez com que a emissora passasse a ficar um pouco esquecida, e apesar de Paulo Machado ainda ter 50% das ações da empresa, ele estava mais focado na Jovem Pan, que pertence até os dias de hoje à família Machado.

Nesse momento de fragilidade econômica, ambas as famílias dirigentes se viram obrigadas a vender a emissora, o pontapé embrionário para construção da Record que conhecemos até os dias de hoje. O líder da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo demonstrou grande interesse na compra da emissora, e em poucas negociações, tornou-se proprietário da Record e de sua rádio, Rádio Record, no ano de 1990.

A emissora então passou por mudanças drásticas em sua programação, além de sua identidade visual. Agora, pautada por ideologias enviesadas, sua editoria se tornou menos maleável em relação a alguns assuntos, e toda sua programação teria de passar pelas lentes embaçadas pelos dogmas e doutrinas evangélicos neopentecostais da Igreja Universal.

Nessa década, a Record cresceu de forma exponencial, tornando-se a terceira maior em audiência nacional, na frente inclusive da falida Rede Manchete, isso tudo ainda no ano de 1998. Sua programação contava com programas de celebridades afetuosamente folclóricas da televisão para os brasileiros, como Eliana, Ratinho, Raul Gil, Gilberto Barros, dentre outras.

Em 2004, a emissora adotou uma nova estratégia com o objetivo de aumentar sua audiência. Sob o slogan "A caminho da liderança", a Record iniciou uma fase de expansão de suas produções, investindo em programas consagrados, novas vinhetas e telenovelas que rapidamente conquistaram popularidade. Entre as obras mais marcantes desse período, destacam-se as telenovelas *A Escrava Isaura*, *Prova de Amor*, *Vidas Opostas* e *Caminhos do Coração*, esta última dividida em três temporadas devido ao seu grande sucesso de audiência. Nesse mesmo período, a Record firmou um contrato milionário com a Universal Studios, garantindo a exclusividade na exibição de filmes e séries.

No dia 27 de setembro de 2007, a emissora lançou a Record News, o primeiro canal de notícias em TV aberta no Brasil, utilizando o sinal anteriormente ocupado pela Rede Mulher. A inauguração da nova emissora contou com a presença de autoridades como o governador do estado de São Paulo, José Serra, o prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab, o então presidente da Record, Alexandre Raposo, o proprietário da emissora, Edir Macedo, e o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. A cerimônia de abertura foi transmitida ao vivo pela Rede Record, no Jornal da Record, e pela própria Record News.

Nos anos subsequentes, alguns grandes marcos da empresa puderam ser percebidos, com ênfase em 2012, quando a Record assumiu a exclusividade na transmissão dos Jogos Olímpicos de Londres e das Olimpíadas de Inverno de Vancouver, realizadas em 2010. Esse

evento marcou a primeira vez que a Rede Globo, sua principal concorrente, não participou da cobertura de uma Olimpíada.

Já em 2013, a Record passou por um processo de reestruturação, que culminou em mudanças significativas em sua alta administração. Alexandre Raposo foi demitido da presidência da emissora, sendo substituído por Luiz Cláudio Costa, que até então atuava na Record Brasília. Outra mudança relevante no comando foi a substituição de Honorilton Gonçalves por Marcelo Silva no cargo de vice-presidente. Após o ano de 2012 marcado por resultados financeiros insatisfatórios, a Record optou por contratar uma consultoria especializada para revisar e aprimorar suas estratégias de mercado.

2.1 PROGRAMA CÂMERA RECORD

Dentre as inúmeras apostas da empresa, uma delas conseguiu conquistar espaço vitalício na programação da emissora. No ano de 2008, mais especificamente no dia 11 de janeiro, foi ao ar o programa “Câmera Record”, sob apresentação do jornalista Marcos Hummel, e reportagens de Domingo Meirelles.

Durante o período de pandemia da COVID-19, por estar dentro do grupo de risco, Hummel teve de ser substituído pelo apresentador Sérgio Aguiar, que passou a comandar inteiramente o programa, em um cenário completamente novo e super-realista. Isso apenas mudou em 27 de março de 2022, quando Roberto Cabrini passou a acumular funções no programa, sendo apresentador, editor-chefe e até mesmo repórter de alguns episódios do programa.

Desde sua criação, o programa vinha com a ideia de ser um programa voltado para uma exposição de uma realidade brasileira específica, comovente, falando sobre temas que envolviam violência, fome e seca em diversas regiões do país.

O programa, entretanto, sempre deu palco para as principais polêmicas do momento, como por exemplo em 2014, quando fizeram uma reportagem contando a história do “funk ostentação”, ou até mesmo em 2019, onde ocorreu uma entrevista de Roberto Cabrini com Fernandinho Beira-Mar, um dos fundadores e líderes do Comando Vermelho (CV), facção criminosa que domina inúmeras regiões marginalizadas do Estado do Rio de Janeiro, além de outras regiões do país.

De qualquer forma, as produções sempre tiveram um altíssimo padrão de qualidade, desde sua estética até o roteiro de suas gravações, tornando o programa líder de audiência

durante o ano de 2010, empatando até mesmo com a Rede Globo durante seu horário de exibição². O sucesso do programa é inegável, ele continua sendo líder de audiência da emissora, não é à toa que ele se mantém na programação da Record até os dias atuais.

Em paralelo, a empresa percebeu que as inumeráveis revoluções tecnológicas e sociais do século XX fizeram com que a comunicação se transformasse em um mercado, e as emissoras, consequentemente, grandes indústrias. Por isso, a Record apostou em uma linguagem muito controversa no campo do jornalismo: o sensacionalismo, que se potencializa quando trabalhado com temas naturalmente espetaculares.

Essa fusão entre o psicológico subjetivo e racional cria uma zona de manipulação extremamente forte e perigosa, pois ela está sempre sendo acobertada por uma razão, que não necessariamente tem relação ao fato em si, mas que pode ser usada para justificativas diversas, criando assim uma pós-verdade.

² Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mera_Record Acesso em: 15 set. 2024

3 O CASO LÁZARO

Desde que iniciei meus estudos no campo da comunicação, a relação entre a teoria e a prática jornalística me deixou intrigado. Obviamente, a incoerência desse levantamento não pode ser atrelada exclusivamente à postura dos profissionais da área, pois sabemos que o produto informativo passa por diversos filtros até sua versão final. As editorias sobrepõem suas intenções comerciais às necessidades expositivas do fato em si, construindo mundos autônomos em cada instância midiática, onde a informação não é o fator principal na hora do telespectador escolher sua programação.

Com isso, na busca de compreensão dos propósitos existentes por trás dos produtos midiáticos, o discurso se destaca como uma das ferramentas mais importantes na construção do senso coletivo, pois é nele que se as intenções se mascaram de detalhes importantes, mas que na verdade, foram muito bem escolhidos.

Durante o período de pandemia da COVID-19, me lembro da comoção causada pelo Caso Lázaro Barbosa. Se entrarmos em contato com qualquer instância midiática, em praticamente qualquer horário do dia, iremos nos deparar com uma infinidade de crimes hediondos, um mais chocante que o outro, então porque esse em específico gerou tanta repercussão? Lázaro, morto aos 32 anos, foi consagrado como o representante do mal, o estereótipo do assassino em série metódico, experiente, e muito ciente daquilo que estava fazendo.

Durante os dias de perseguição e exposição do caso, me lembro de ficar muito inquieto, pois apesar de uma parte de mim entender o perigo desse sujeito, a quantidade de material produzido pela mídia, o impacto de sua repercussão, e as consequências sociais geradas, como a disseminação de discursos de ódio, foram desproporcionais em relação aos fatos.

Evidentemente que Lázaro cometeu crimes hediondos, porém, a exposição exagerada desse caso em comparação a tantos outros similares causa inquietação. Acompanhando diversos conteúdos sobre o caso de Lázaro, é possível fazer uma aproximação mais verossímil do que aconteceu de fato, nos 20 dias de perseguição.

Segundo fontes do G1³, Lázaro teve sua primeira experiência no mundo do crime ainda em 2007, na sua cidade natal, Barra do Mendes, na Bahia. Ele foi preso por duplo homicídio, mas acabou fugindo cerca de dez dias depois, mudando para o estado de Goiás. Dois anos após, em 2009, Lázaro Barbosa foi capturado e conduzido ao Complexo Penitenciário da Papuda, localizado em Brasília, acusado de roubo, estupro e posse ilegal de arma de fogo.

Posteriormente, em 2013, passou por uma avaliação psiquiátrica que identificou graves transtornos mentais, caracterizando-o como impulsivo, ansioso, com certas preocupações sexuais não ortodoxas, ou seja, uma pessoa mentalmente instável. No ano de 2014, após receber um atestado de bom comportamento, Lázaro foi transferido para o regime semiaberto, no entanto, em 2016, conseguiu escapar da Papuda, sendo capturado novamente apenas em 7 de março de 2018, quando foi transferido para um presídio em Águas Lindas de Goiás. Em 23 de julho do mesmo ano, conseguiu fugir novamente⁴, dessa vez utilizando o teto da unidade prisional, permanecendo foragido desde então.

No dia 8 de abril de 2020, Lázaro foi acusado de invasão de propriedade, em uma chácara, onde utilizou de um machado para golpear a cabeça de um homem que lá estava. Lázaro iniciou seu último arco de violência no dia 26 de abril de 2021, onde novamente invadiu uma residência, desta vez, localizada em Sol Nascente, no Distrito Federal. Nesta ocasião, Lázaro trancou o pai e o filho em um quarto e levou a mulher para uma área de mata, onde cometeu o crime de estupro.

Em 17 de maio do mesmo ano, Lázaro invadiu outro imóvel na mesma região, dominando os homens presentes ao confiná-los em um quarto. Posteriormente, forçou as mulheres a se despirem e a realizarem tarefas sob coerção. Todos esses atos hediondos culminaram até seu estopim, no dia 9 de junho de 2021, quando Lázaro supostamente acompanhado de três comparsas, invadiu um sítio na cidade de Ceilândia, interior do estado de Goiás, onde ocorreu seu delito mais famoso: a chacina da família Vidal.

³ Disponível em:

<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/06/28/lazaro-e-preso-em-goias-diz-governador.ghtml/> Acesso em: 26 set. 2024

⁴ Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2021/06/18/lazaro-barbosa-fugiu-pelo-teto-de-presidio-em-2018-e-foi-o-unico-a-nao-ser-recapturado.html> Acesso em: 2 out. 2024

Segundo reportagem do Jornal Metrôpoles⁵, Cláudio Vidal, de 48 anos, e seus dois filhos, Gustavo e Carlos Eduardo Marques Vidal, de 21 e 15 anos, respectivamente, mantendo somente a matriarca da família, Cleonice Marques Vidal, de 43 anos, como refém.

Antes da captura, Cleonice conseguiu telefonar para seu irmão, avisando-o do que estava ocorrendo. O irmão dela foi ao local do crime e avisou os policiais, que iniciaram suas buscas primordialmente nas proximidades da propriedade. Em sua fuga, segundo fontes do Câmera Record, Lázaro ligou para sua mãe, afirmando não ter levado Cleonice consigo, apesar da mesma estar desaparecida.

Lázaro já estava acostumado a cometer seus delitos sozinhos, então se distanciar dos supostos companheiros não seria um problema, além disso, não era a primeira vez que ele teria que lidar com as forças policiais, gastando recursos em sua captura. Apesar da situação familiar para o criminoso, dessa vez, o desenrolar seria diferente, a atenção que ele acabava de ganhar já era suficiente para não ser esquecido.

Sua perseguição, no entanto, foi ganhando cada vez mais notoriedade, em uma progressão geométrica, ao ponto de não haver descanso até seu desfecho. No dia 10 de junho, Lázaro invadiu outra propriedade rural, localizada a três quilômetros do local onde havia cometido o crime anterior.

Ele manteve a proprietária e o caseiro reféns por aproximadamente três horas, e durante esse período, obrigou a proprietária a preparar uma refeição enquanto fazia comentários de satisfação sobre o crime anterior, que havia sido transmitido pela televisão, gerando ainda mais medo nas vítimas. Lázaro forçou os reféns a ingerirem bebidas alcoólicas e consumirem drogas junto com ele. Após o incidente, fugiu levando celulares, uma jaqueta e uma quantia de duzentos reais, sem ferir ou matar ninguém.

No dia 11 de junho, Lázaro roubou um veículo em Ceilândia e se dirigiu até Cocalzinho, em Goiás, onde incendiou o carro para dificultar a identificação. Um cúmplice auxiliou em sua fuga após o ocorrido. No dia seguinte, Lázaro invadiu outra propriedade rural e fez o caseiro refém, passando o dia bebendo com ele, sem cometer agressões ou roubos.

Ainda nesse mesmo dia, três dias após a chacina da família Vidal, um trabalho de inteligência policial conseguiu identificar o padrão de atuação de Lázaro, levando a dois

⁵ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/veja-o-passo-a-passo-do-suspeito-desde-a-chacina-ocorrida-no-df/>

Acesso em: 16 set. 2024

esconderijos, nestes, foram encontrados os restos mortais de Cleonice, sequestrada no dia 9 de junho. Durante a noite, Lázaro invadiu uma outra propriedade, e os residentes reagiram, acarretando em três pessoas baleadas, duas delas em estado grave. Após ferir os civis, ele roubou duas armas de fogo e fugiu. Mais tarde, incendiou uma casa e trocou tiros com a polícia, escapando novamente.

No dia 13 de junho, em Cocalzinho de Goiás, no estado de Goiás, Lázaro roubou um carro estacionado e dirigiu por cerca de 30 km até se aproximar de uma barreira policial, onde teve de abandonar o veículo e fugir para a mata, continuando foragido. Em 15 de junho, foi localizado por viaturas rurais envolvidas na operação de cerco, ocasião em que novamente trocou tiros com a polícia, atingindo um policial militar de raspão. O policial foi transportado de helicóptero para o hospital e sobreviveu. Não houve confirmações se Lázaro foi ferido durante a ação.

No dia seguinte, Lázaro foi avistado por moradores da cidade de Cocalzinho de Goiás. Após ser visto, invadiu uma casa onde estavam três pessoas, rendendo duas delas. Uma das vítimas, uma adolescente, conseguiu enviar uma mensagem à polícia enquanto se escondia em um quarto. A casa em questão estava sob vigilância da polícia, e logo após a saída da equipe de vigilância, Lázaro aproveitou a oportunidade para invadi-la. Ele encontrou a adolescente e levou os três reféns para a mata, destruindo os telefones celulares das vítimas.

Ao perceber a aproximação de helicópteros da polícia, Lázaro libertou os reféns e continuou sua fuga. As autoridades suspeitam que ele tenha passado a noite em uma propriedade rural abandonada, onde sinais de arrombamento e uma camiseta com manchas de sangue foram encontrados, indicando que Lázaro poderia estar ferido ou ter abatido algum animal recentemente.

Em 17 de junho, Lázaro novamente trocou tiros com a polícia em uma área rural de Cocalzinho de Goiás, deixando algumas pessoas feridas, embora mais detalhes não tenham sido divulgados.

Sete dias após este ocorrido, o Secretário de Segurança Pública de Goiás, Rodney Miranda, anunciou a prisão de duas pessoas suspeitas de terem auxiliado Lázaro em sua fuga. Os detidos eram o fazendeiro Elmir Caetano Evangelista e seu caseiro Alain Reis dos Santos.

Em depoimento à polícia, Alain afirmou que Lázaro permaneceu cinco dias na propriedade de Elmir, onde almoçava e jantava, sendo chamado pelo fazendeiro por gritos

direcionados à mata. A defesa de Elmir, no entanto, negou as acusações, alegando que os chamados para Lázaro eram apenas brincadeiras.

No dia 26 de junho, a polícia revelou que Lázaro havia criado um perfil falso no Facebook sob o nome "Patrik Sousa", provavelmente com o intuito de acompanhar as notícias sobre sua perseguição. A conta foi criada usando um celular roubado, que ele manteve entre os dias 15 e 18 de junho.

Uma operação conjunta envolvendo as polícias Militar, Civil e Rodoviária Federal foi organizada com o objetivo de capturar Lázaro Barbosa. A força-tarefa contou com mais de 270 agentes, que se dividiram em diferentes áreas estratégicas da região, incluindo a instalação de bloqueios em estradas principais. Além disso, 34 chácaras foram ocupadas para garantir a segurança dos moradores, enquanto patrulhas foram realizadas em áreas de mata, onde Lázaro havia se escondido, sendo descrito pela polícia como um indivíduo com grande habilidade de sobrevivência na selva.

O Corpo de Bombeiros também participou da operação, utilizando drones para localizar o fugitivo e evitar incidentes durante as buscas. Como medida preventiva, estabelecimentos comerciais situados nas áreas por onde Lázaro passou foram temporariamente fechados, e houve relatos de que alguns moradores abandonaram suas residências devido ao medo gerado pela presença do criminoso.

Em 28 de junho, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (DEM), anunciou a captura de Lázaro Barbosa, que foi encontrado na residência de sua ex-sogra. No entanto, após a prisão, o criminoso morreu durante um confronto armado com a polícia em uma mata, no estado de Goiás.

A história se tornou o assunto em todo o território nacional durante o mês de junho do ano de 2021, causando muito pânico e comoção, principalmente pela necessidade de um desfecho, criado em cima da expectativa da caçada. Como foi destacado, mais de 270 agentes de segurança do Distrito Federal, de Goiás, foram mobilizados na perseguição de Lázaro, que acabou sendo morto em um “confronto” próximo ao município de Águas Lindas, no mesmo estado.

A cobertura jornalística narrou a história de Lázaro com detalhes, tanto em relação aos crimes que foram cometidos por ele, quanto sua trajetória de fuga, quais pessoas o ajudaram, o que ele fez para conseguir se esquivar das autoridades por tanto tempo. Porém, quando o criminoso veio a óbito, no dia 28 de junho de 2021, sua morte foi noticiada de

forma sucinta quando contrastada com seu desenvolvimento, até porque envolvem inúmeras questões políticas e burocráticas.

Foram incessantes 20 dias na perseguição de um suposto psicopata, causando pânico social dentro do conforto de suas casas, apenas por saber que o mesmo ainda se encontrava à solta. A ânsia por justiça, muitas vezes, é bem distinta da realidade individual, mas pelo público estar tão vivo dentro da narrativa, tal qual uma telenovela, causa um sentimento de pertencimento sobre o ocorrido. O público agora aguarda inquieto até testemunhar um final, banalizando a tragédia e a vida de uma forma dramatúrgica.

Uma infinidade de material jornalístico foi produzido durante esse período, afinal, todos os holofotes estavam apontados para esse caso. Dentre as diversas abordagens, a do programa Câmera Record, da Rede Record, chamou a atenção devido a discrepância do propósito em relação ao padrão de qualidade materializado, coisas que deveriam caminhar lado a lado, mas que são esquecidas, pois não lucram, e consequentemente não acompanham os ideais da empresa.

Ao longo da minha trajetória acadêmica, o estudo da linguagem sensacionalista e sua aplicação no jornalismo tornou-se um foco de interesse pessoal. Essa escolha decorre da contradição inerente ao uso do sensacionalismo, que desafia os princípios éticos da profissão jornalística e questiona o papel da mídia na formação da opinião pública.

4 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DO CASO LÁZARO

A matéria intitulada “Os 20 dias de Lázaro”⁶ foi ao ar no dia 8 de janeiro de 2023, às 23h, em uma edição especial do programa Câmera Record, da Rede Record de telecomunicação. Já sua publicação virtual, no canal da Record no youtube, foi feita três dias depois, no dia 11 de janeiro, do mesmo ano.

Essa edição em questão possui 46 minutos e sete segundos de duração, e apesar de especial, manteve os mesmos enquadramentos, escolha de trilha sonora, personagens e enfoques dramáticos, e por tratar-se de um tema naturalmente comovente, havia muitas plataformas de sustentação para discursos sensacionalistas.

Roland Barthes é escritor, sociólogo, semiólogo e filósofo francês, Danilo Angrimani, jornalista e escritor brasileiro e Roberto Ramos, jornalista, linguista e professor brasileiro, são os principais teóricos utilizados na fundamentação das análises. No sentido de compreender melhor a obra de um autor, é primordial conhecer o mesmo, o contexto do que ele estava escrevendo, e claro, as intenções e motivos para isso ter acontecido.

Barthes utilizou da semiologia para desenvolver seus estudos sobre a comunicação, conceituando o que hoje é um dos mais utilizados na relação mercadológica da informação: o *fait divers*.

Em suma, esse conceito pode ser traduzido do francês e em sua literalidade para “fatos diversos”, que são fatos sensacionalistas, desconectados de historicidade jornalística, textos que se mascaram de informativo, mas que têm o intuito de causar sensações no público, mais do que a emissão do fato em si. Essa técnica normalmente se baseia na construção de produtos midiáticos de conteúdo sobrenatural, dramático, trágico e um dos mais recorrentes nas mídias brasileiras, o policial.

O discurso midiático, ao reduzir situações complexas a dicotomias simplistas, como “bem versus mal” ou “normal versus anormal”, tende a obscurecer as nuances e os contextos sociais, históricos e culturais subjacentes. Essa redução maniqueista é uma estratégia discursiva recorrente, observada na cobertura de crimes, em que as nuances socioeconômicas e contextuais são frequentemente omitidas para favorecer uma narrativa binária e sensacionalista. Essa fusão entre o gênero informativo policial com a linguagem

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-CwJc-tCMKs> Acesso em: 2 out. 2024

sensacionalista, tem como consequência o nascimento de um novo gênero narrativo: o policialesco.

De acordo com Ramos (2001), Barthes coloca a fala e a linguagem como elementos inseparáveis. Dessa forma, os estudos realizados por Barthes (1979) aplicam-se tanto à linguagem escrita quanto à oral. Muitas de ideias, também, são construídas com base na obra de Ferdinand de Saussure, outro importante linguista e filósofo suíço, do qual Barthes adotou o estruturalismo, mas sem perder de vista a intencionalidade de sua pesquisa. De acordo com Ramos (2001, p. 119 e 120) "Barthes: Seguiu-a dentro da régua e do compasso, delimitando a sua dimensão do estudo dos signos. Mesmo assim, notabilizou a particularidade de suas pesquisas, através da singularidade de um objeto específico: o papel mítico da Mídia".

Ainda segundo Ramos (2001), Barthes é reconhecido como uma figura central no desenvolvimento da pesquisa em comunicação, não apenas por suas contribuições ao estudo dos signos, mas também por sua capacidade de antecipar o poder e a relevância da mídia, mesmo antes de ela adquirir a influência e a hegemonia que possui hoje. Nos anos 1950, quando a mídia ainda não tinha o alcance global que tem atualmente, Barthes já havia identificado e decodificado sua importância, antevendo seu impacto futuro (Ramos, 2001, p. 120).

Barthes (2004) começa a explorar e conceituar o declínio e a degradação dos produtos culturais, analisando as funções sociais desempenhadas pela mídia, que envolve a sociedade. O semiólogo conecta esses aspectos à sua categorização dos estereótipos, "reforçando a teia do linguístico e do trans linguístico" (Ramos, 2001, p. 121). Em resumo, Barthes (2004) inicialmente entende que a mídia desempenha um papel na manutenção da hegemonia das classes dominantes, perpetuando os valores culturais da burguesia e restringindo o acesso à cultura para as classes menos favorecidas.

Para a realização de uma análise Barthesiana de um texto ou discurso, é necessário adotar os princípios da semiologia e da crítica ideológica propostos pelo autor, cuja obra está centrada na desconstrução de mitos e signos e na análise das estruturas discursivas presentes na sociedade. Segundo Barthes (2004), os mitos são sistemas de significação que, por meio de um processo de naturalização, transformam construções ideológicas em verdades aparentemente incontestáveis.

Essa desnaturalização é fundamental para expor a maneira como as ideologias se infiltram em narrativas e discursos culturais, servindo a interesses específicos. Portanto, o

ponto de partida dessa metodologia consiste na identificação e análise dos mitos presentes no discurso, revelando as construções culturais que conferem a essas narrativas uma aparência de neutralidade e inevitabilidade, através dos *fait divers*.

No campo da semiologia, Barthes (1971) desenvolve o conceito de signo, partindo da noção saussuriana de que todo signo é composto por um significante e um significado. Nesse sentido, ao analisar um texto ou imagem, é essencial identificar não apenas o que o signo representa de forma direta, mas também as associações culturais e ideológicas que ele carrega. Por exemplo, uma propaganda de automóvel, que denotativamente sugere um meio de transporte, pode, em nível conotativo, estar associada à ideia de status social ou liberdade, reforçando valores culturais específicos.

A crítica à falsa neutralidade e objetividade é outra dimensão relevante na análise Barthesiana. Para Barthes (1971), discursos que se apresentam como neutros ou imparciais frequentemente ocultam suas intenções ideológicas. No jornalismo e na ciência, por exemplo, a pretensa objetividade é usada como ferramenta para mascarar a subjetividade e os interesses implícitos, favorecendo visões que ignoram a complexidade dos fenômenos sociais e culturais. Nesse sentido, a metodologia aqui proposta busca expor as ideologias ocultas que sustentam discursos supostamente neutros, revelando como eles contribuem para a manutenção de estruturas de poder.

Além disso, a metodologia proposta inclui a análise da denegação ideológica, conceito no qual Barthes (2004) se refere ao que é deliberadamente omitido ou negado no discurso. O que não é dito pode ser tão relevante quanto o que é explicitamente exposto, uma vez que essas omissões frequentemente servem para sustentar uma determinada visão de mundo.

A função social do discurso é uma questão central na análise Barthesiana. Barthes (1981) propõe que o discurso seja examinado em termos de sua contribuição para a manutenção ou o questionamento das estruturas de poder. Nesse sentido, a análise deve investigar para quem e com qual finalidade o discurso foi produzido, buscando compreender se ele serve para reforçar o status quo ou para desafiar as relações de poder estabelecidas. A análise de textos jornalísticos ou publicitários, por exemplo, pode revelar como eles contribuem para a reprodução de valores ideológicos dominantes ou, eventualmente, para o estímulo de reflexões críticas sobre esses valores.

Em suma, a metodologia Barthesiana aplicada à análise discursiva oferece uma abordagem crítica e desnaturalizadora, cujo objetivo é revelar as camadas ideológicas ocultas nos discursos e desmascarar os mecanismos de poder que os sustentam. Por meio da análise dos *fait divers*, mitos, signos, estereótipos, omissões e funções sociais do texto, é possível desconstruir as narrativas que moldam a percepção cultural e ideológica da sociedade contemporânea.

Para Ramos (2001), os estereótipos são nada mais que uma cristalização do sentido real da palavra em uma conjuntura, consequentemente, presunçosa. A questão é que esse estereótipo acaba se enrijecendo como uma verdade inquestionável, realizando sua própria imposição de sentido, por não apresentar nenhuma contradição visível.

Podemos afirmar assim que os estereótipos têm suas raízes no senso comum, sendo alimentados por um conjunto de conhecimentos tradicionais que são transmitidos de forma ritualística entre as gerações, sem jamais serem questionados. Ramos (2001) compara esse processo à ação da aguardente, que turva a percepção da realidade, destacando o impacto psicológico dessa ferramenta, que é mais social do que linguística.

A partir disso, o estereótipo sente-se em casa dentro do cenário midiático, principalmente na atualidade, onde o fluxo de informações é instantâneo, desatrelando a importância do tempo no valor agregado ao produto informativo. Vale ressaltar que o valor da temporalidade da notícia não deixa de existir, pois quanto mais rápida e verossímil ela aparecer, melhor ela será, porém, como todas as instâncias operam na mesma frequência, devido a demanda do mercado, outras características como a editoria, linguagem e até mesmo a estética são mais decisivos para os consumidores.

Nesse ponto, onde a mídia deixa de cumprir seu papel de sentinela da verdade, nota-se uma mudança de enfoques, agora, não mais pautados exclusivamente em interesses sociais gerais. De acordo com Ramos (2001), a mídia, de fato, não tem autoridade suficiente para negar nada, e nem precisa, pois ela é capaz de tornar tudo inocente, sendo essa a base da ideia de mito para Barthes.

Novamente, chega-se à conclusão que a omissão de certas informações pode ser crucial para a compreensão de uma mensagem, e uma vez dominada, essa técnica é utilizada de forma manipulatória pela mídia, visando uma maior assertividade nos objetivos editoriais. Não é necessário dizer diretamente algo para que aquilo seja colocado em pauta, o silêncio diz

muita coisa, e muitas vezes, grita ainda mais alto que grandes declarações, porém, pode ser uma resposta mais imperceptível para olhos e ouvidos desatentos, distraídos.

Quando relacionamos os estudos de Barthes (2004) com as noções de discurso, percebemos que o mesmo é uma espécie de canal para a manifestação dos estereótipos citados. O discurso é construído na base de uma linguagem sensacionalista, gerando muita discursividade, que para Barthes está completamente entrelaçado com o conceito de poder, chamando-o de *libido dominandi*. A tradução “libido dominante”, do latim, está relacionada à sensação de poder e controle sentida pelo comunicador, e que isso o estimula a querer ainda mais desse sentimento.

O Poder, como Libido Dominante, é a energia prazerosa, própria do Instinto de Eros, que concede sentido ao viver humano. Apresenta várias manifestações, uma das quais é a sexualidade. O seu perfil biológico, de face inata, fixa toda a condição de supra temporalidade e de supra espacialidade. São os seus tons invariantes. Ainda que invariante, a Libido se particulariza em diferentes fases. Passa pela oral, anal e fállica, constituintes da primeira infância. O mesmo ocorre com o Poder, com sua pose invariante no curso histórico, que se singulariza no cipoal de cada conjuntura histórica. (Ramos, 2001, p. 123).

Com as ferramentas fornecidas pela tecnologia, esse poder é enorme, um indivíduo consegue impactar um público desproporcional. Graças a isso, essa libido se potencializa em proporções incontroláveis, pois nem mesmo os comunicadores que detêm esse poder tem a real noção de seus efeitos, com exceção dos mercadológicos, lucrativos.

4.1 FAIT DIVERS

Barthes (1979) define que existem duas vertentes de *fait divers*, sendo estas de Causalidade e Coincidência. O conceito de Causalidade se ramifica em Causa Perturbada e Esperada, enquanto a Coincidência, em Antítese e Repetição. De acordo com Cruz, Curi e Redü (2015), a Causa Perturbada ocorre em situações nas quais a causa principal é desconhecida ou não pode ser identificada. Além disso, também se caracteriza quando uma pequena causa resulta em um efeito de grande magnitude.

Por outro lado, a Causa Esperada refere-se a causas comuns, e, portanto, o foco recai sobre personagens secundários da história, os *dramatis personae* (personagens dramáticos), como crianças, mães e idosos, conforme exemplificado por Barthes (1979).

Ainda segundo Cruz, Curi e Redü (2015), a Causa Perturbada enfatiza a exploração das sensações de espanto, drama, mexendo com o psicológico do telespectador, objetivando a

confusão, pois o medo, mesmo que de algo que não atinja diretamente, é um grande combustível mercadológico informativo, pois é inerente a todos. Mais especificamente, a Causa Perturbada não tem um objetivo específico, pois ela é, por sua natureza, imprevisível, e é essa incerteza que atrai tanta curiosidade.

Segundo Ramos (2001), as Causas Esperadas se diferenciam das Perturbadas devido ao fato desta possuir um objetivo específico, um direcionamento proposital do redator em provar um determinado argumento, fundamentando-se na linguagem sensacionalista. É a manipulação propriamente dita, deslocando a atenção que o espectador tem na informação, para os personagens e enredos que a compõem. Vale ressaltar que, na maioria dos casos, a informação em si não possui grande valor-notícia - referente a relevância de publicação -, simplesmente chama a atenção por diversos fatores.

Em relação aos *fait divers* de Coincidência, estes se ramificam em Repetição e Antítese. Com relação a primeira definição, Cruz, Curi e Redü (2015), a definem como uma informação repetida diversas vezes, levando o receptor a imaginar causas completamente desconhecidas para as consequências percebidas. Nesse processo, o jornalista consegue tirar suas próprias conclusões e ser legitimado pela sua pós-verdade muito bem desenvolvida. O clichê de contar uma mentira mil vezes até ela se tornar verdade se materializa em ideologias parciais.

A Antítese, por outro lado, segundo Cruz, Curi e Redü (2015), seria a emoção causada pelo conflito de duas partes extremas. O sensacionalismo explora a dicotomia ideológica entre duas partes, que podem ser tanto algo quanto alguém, gerando interesse na baixa probabilidade lógica de resolução do conflito, justamente por abordar pensamentos antagônicos.

Todos os autores citados convergem suas opiniões no que diz respeito às consequências da prática sensacionalista: cidadãos carentes de senso crítico, passivos, com uma memória prejudicada e voltada para causas efêmeras. A banalização das relações humanas confunde, ao mesmo tempo que o sensacionalismo se baseia nas sensações, ela simplesmente não passa disso. Isso quer dizer que os telespectadores de fato sentem algo, mas é articulado pelas editorias visando a concretização de seus objetivos, no modelo que vivemos, o lucro.

A liquidez das informações fragiliza sua importância e confunde as pessoas, mas encontra suporte no âmago das emoções humanas. Sentimentos incompreensíveis, pois em

sua maioria nem sequer são conscientizados de forma propriamente dita, sofrem a propulsão de um direcionamento midiático, sempre ressaltando, baseado em suas intenções particulares, acabam se transformando em verdades inquestionáveis, pois estão legitimados pelas emoções, ou seja, sinto, logo existo.

Essa alteração da máxima Cartesiana simboliza uma regressão evolutiva do homem, que abre mão do desenvolvimento de uma ideia própria, preferindo, de certa forma, apenas aceitar as sugestões recebidas, e como já vimos, estas, elaboradas pelos meios de comunicação e pautadas por ideologias particulares, passadas como genéricas até realmente se enraizarem como tal.

4.2 O SENSACIONALISMO POLICIAL

Danilo Angrimani Sobrinho utilizou os estudos Barthesianos para desenvolver suas análises do cenário jornalístico brasileiro, percebendo o sensacionalismo presente em toda programação policial, que inunda o cotidiano dos telespectadores com discursos tendenciosos, formulados na base do intertexto, pós-verdade e dos estereótipos.

Em seu livro *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa* (1995), Danilo Angrimani busca compreender as circunstâncias em que o sensacionalismo surge, sua relevância para um determinado gênero jornalístico, e os mecanismos que promovem a atração e a compra de conteúdo sensacionalista. Em uma das três divisões do livro, ele

trata do "Sensacionalismo na comunicação" e, com base no *Novo dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, define os termos em sensacional, sensacionalismo e sensacionalista.

A partir dessa análise, Angrimani (1995) conclui que, independentemente do contexto, o termo "sensacionalista" é frequentemente utilizado de forma ampla e nem sempre precisa para criticar um veículo de comunicação ou um jornalista. Essa generalização tende à imprecisão.

O veículo informativo comum – é preciso deixar claro – só adota o sensacionalismo em casos excepcionais, quando há interesse do publisher em dar uma conotação “emocional” a um acontecimento [...] a linguagem sónica demarca um distanciamento entre o sujeito e o objeto. Os meios de comunicação não sensacionalistas utilizam principalmente a linguagem sónica para passar seu conteúdo informativo, podendo ocorrer em alguns casos isolados “derrapagens” que conduzem a “contaminações” pelo clichê. Já o veículo sensacionalista opera

principalmente com a linguagem-clichê e é esta a característica primordial que o distingue do informativo comum (Angrimani, 1995, p. 13).

Angrimani (1995) conceitua o sensacionalismo como tornar sensacional um fato jornalístico, que em circunstâncias editoriais diferentes, não teria esse tipo de tratamento. Ele superdimensiona o fato, utilizando tons escandalosos e espalhafatosos para isso. Quando o fato em si perde o foco do valor-notícia os detalhes ficam expostos e passíveis de exploração mercadológica, e ainda sobre o mesmo autor, ele afirma que essa linguagem se fundamenta do uso de perversões sociais para a construção de seus discursos.

Essa fusão entre o discurso sensacionalista com temas pervertidos, que é tudo aquilo que vai contra o modelo tradicional, como um inconsciente coletivo - conjunto de ideias, padrões e memórias compartilhados por uma sociedade, segundo Jung (2012) -, é uma arma de manipulação muito perigosa, pois une o inútil ao desagradável, usando a linguagem sensacionalista para abordar temas que já são sensacionais por sua natureza.

O sexual, violento, proibido, é completamente explorado por essas instâncias midiáticas, no intuito de encorpar seus produtos, deixando-os mais atrativos para o público atual, que está sempre exposto a uma realidade insana, e específica, ou seja, uma realidade que não pode ser generalizada.

Para Angrimani (1995, p. 40), "a linguagem editorial precisa ser chocante e causar impacto. O sensacionalismo não admite moderação", ou seja, ela precisa conquistar o telespectador, para além do intuito jornalístico. No contexto sensacional, o jornal trabalha com lições de moral, em busca de saciar os desejos mais obscuros do público, concebendo histórias e personagens que irão ser posteriormente esquecidos.

4.3 ANÁLISE “OS 20 DIAS DE LÁZARO”

Notícias sobre morte, crime e desastres aparecem em todos os tipos de jornais, independentemente de adotarem um tom sensacionalista ou não, e a espetacularização desses assuntos atrai naturalmente a atenção de todos, sem distinção de nível cultural ou econômico (Angrimani, 1995, p. 54). O que varia entre os leitores não é o interesse pelo conteúdo, mas sim a forma como os fatos são apresentados, ou seja, novamente, a linguagem utilizada pelo jornal sensacionalista.

Lázaro Barbosa, de fato, não é o modelo de ser humano mais civilizado a ser seguido, está longe de ser, mas ao mesmo tempo, também não pode ser colocado em um

pedestal de assassino em série, psicopata, imagem pintada pela mídia que encena os *fait divers* (Barthes, 1979), e utiliza do mito e dos estereótipos para isso.

A matéria intitulada “Os 20 dias de Lázaro”, feita pelo programa Câmera Record, em nível técnico é impecável, uma produção de altíssimo padrão de qualidade, desde a trilha sonora, os enquadramentos, o roteiro – objeto que será trabalhado no decorrer da análise –, tudo converge para uma construção tanto dramática quanto dramatúrgica. Como veremos a seguir, tudo é minuciosamente construído baseado em uma ideia pré-estipulada, um estereótipo, daquilo que Lázaro deveria ser para valer a pena a cobertura de sua história, o valor mercadológico que suas informações teriam, e quais recortes multiplicaram ainda mais o destaque da mesma.

A reportagem se inicia de forma cinematográfica, com cortes e imagens feitos na casa da família de Lázaro, com uma trilha sonora dramática, seguida pela primeira frase da matéria, aos 31 segundos: “eu sou a Eva, mãe do Lázaro”, e a seguir, aos 37 segundos, “e eu sou a Zilda, sou a tia do Lázaro”.

Logo depois, um projetor que mostra fotos do Lázaro é colocado, enquanto os familiares apresentados tecem comentários sobre o protagonista, o descrevendo como alguém respeitador, bem educado, e “que nunca fez nada de errado que eles estão falando”, eles, no caso, a sociedade como um todo, mídia, população e Estado. A indignação da mãe, dizendo estar incomodada e não poder desmentir, é utilizada para a construção do, definido por Barthes (1979), *dramatis personae*.

Segundo Ramos (2001), isso seria uma Causa Esperada, pois o enfoque desse discurso está na exploração de personagens que naturalmente nos causam complacência. Logo após estes depoimentos, o projetor passa a mostrar imagens das vítimas de Lázaro, uma trilha sonora tensa, com o repórter Luiz Bacci comentando sobre as atrocidades mostradas ao fundo. Esse contraste fortalece a imagem de inocência dos familiares do bandido, explorando o amor de mãe, absoluto, que cega diante de acusações sobre um filho.

Agora, trilhamos um caminho de imersão na vida das vítimas, a família Vidal, que são completamente humanizadas, uma família feliz, trabalhadora, com filhos, a definição de inocência e tradicionalidade. Isso aproxima o telespectador de uma realidade, que mesmo não sendo a dele, lhe causa comoção, pois é considerada socialmente como a correta. Segundo Angrimani (1995):

O público tende a se identificar com os indivíduos retratados, especialmente quando a imprensa se esforça para construir a imagem de vítimas como pessoas comuns, inseridas nos padrões socialmente aceitos. Esse processo de humanização aprofunda o impacto emocional e cria uma conexão entre a audiência e a história narrada. (Angrimani, 1995, p. 47).

Ao contrastar os depoimentos da família de Lázaro, as personagens dramáticas, com as atrocidades cometidas pelo criminoso, segundo Cruz, Curi e Redü (2015, a matéria elabora uma Antítese. A sensação causada no telespectador advém da expectativa de um grande embate, composto por peças completamente antagônicas, uma delas, que morreria por um filho, e outra que mataria pelas vítimas do mesmo. Ficar entre essas duas ideias não é confortável, e novamente, a espera do desdobramento desse dilema é o combustível do interesse do público.

Aos quatro minutos e 29 segundos, Dionísio Freitas, repórter e apresentador da Record TV de Brasília no ano de 2021, se apresenta, e fornece aos espectadores um panorama sobre as condições socioeconômicas da região, baseando-se em sua experiência como jornalista, mais especificamente, de matérias policiais, políticas e sociais.

Dionísio, ao narrar a forma com que a família Vidal foi assassinada, a tiros e golpes de faca, afirma que Cleonice, a mãe, foi levada pelos bandidos durante o crime, dando enfoque ao fato de os policiais não saberem se ela foi arrastada vestida ou não, o que no final das contas não tem muita diferença, levando em conta seu trágico final, mas serve de base para um sentimento de indignação mais forte ainda por parte do telespectador.

Em relação a morte de Cleonice, os policiais afirmaram indícios de estupro, mas as amostras de sêmen encontradas não eram suficientes para compatibilidade biológica, mas ainda assim, a matéria afirma que o delegado responsável pelo caso acredita na possibilidade de Lázaro, sozinho, tê-la mantido viva durante um tempo antes da execução.

O inquietante é que a existência de comparsas foi completamente esquecida durante o desenrolar da reportagem, colocando Lázaro como único autor da chacina. A matéria também faz apenas uma menção ao fato de Lázaro ter ligado para sua mãe, e ter dito que não levou Cleonice consigo, e que isso provavelmente seria responsabilidade dos demais criminosos.

Eva, mãe de Lázaro, conta ter recebido a ligação, porém, acaba por aí mesmo, o programa não investiga e nem fecha essa lacuna da possibilidade de haver outros

personagens, pois isso quebraria a construção do personagem de Lázaro, alguém meticoloso e que prefere andar sozinho.

Isso seria uma Causa Perturbada, pois ela não tem um enfoque específico, não há um desfecho, é simplesmente uma possibilidade que causa dúvida, o medo de haver outros criminosos ainda em fuga, ou a possibilidade da mentira de Lázaro, para tranquilizar a família, deixar sua situação um pouco menos prejudicada, de qualquer forma, a carência de um ponto final é o que gera a ansiedade, como explica Cruz, Curi e Redü (2015, p. 75):

Há um efeito (o conflito surge daí). No entanto, a causa é desconhecida, imprecisa ou, até mesmo, ilógica, sem sentido. Não obstante, uma pequena causa pode provocar um grande efeito. Há uma riqueza de desvios causais. Devido a certos estereótipos, esperamos uma causa e surge outra, mais pobre do que a esperada. Neste gênero de relação causal, há o espetáculo de uma decepção; paradoxalmente, quanto mais escondida, mais notada será essa causalidade.

Aos dez minutos e 27 segundos de matéria, o apresentador e repórter do programa em questão, Câmera Record, começa a falar sobre os primeiros crimes de Lázaro, um homicídio duplo seguido de uma fuga da prisão, descrevendo o infrator como alguém muito habilidoso em escapar dos policiais, além da crueldade, preocupações com sexualidade – baseado em análises feitas por psicólogos durante a primeira captura, em 2007 - e outras características utilizadas para o início da elaboração de sua personalidade psicopata.

Novamente, em 11 minutos e 38 segundos, o repórter Luiz Bacci afirma ter chegado a uma conclusão baseado no que ouviu sobre o caso, enaltecendo Lázaro como alguém extremamente habilidoso, que anda com maestria na mata durante a noite, e mesmo sem ferramentas, alimento ou nenhum tipo de preparação, consegue lidar muito bem com animais, galhos de árvores e outras condições extremas.

Além disso, Bacci finaliza sua fala, aos 12 minutos e 13 segundos, afirmando que Lázaro está “com vantagem em cima da gente, e vantagem em cima da polícia”. Essa sentença por si só sugere que o telespectador se encontra na mesma posição investigativa que a instância militar e midiática, e segundo Angrimani (1995), isso desloca sua consciência para um lugar onde sua opinião particular é válida, afinal, ele se encontra na mesma posição daqueles que estão ativamente participando desse enredo.

Vale questionar, também, de qual vantagem específica que Bacci se refere, pois mesmo que Lázaro tenha experiência como mateiro, a magnitude da operação policial que visava sua captura reduz esses privilégios a nada. É evidente que mais de 200 agentes de

segurança pública, munidos com toda a tecnologia e inteligência policial possível, estariam com uma vantagem completamente desproporcional em cima de um único homem, sendo cercado no meio da mata, armado de uma pistola, um revólver e uma faca⁷.

A Antítese pode ser percebida durante a matéria inteira, pois a mesma intercala depoimentos de jornalistas, parentes de vítimas e militares, com os da família de Lázaro, elaborando um roteiro baseado na dicotomia da bondade contra a maldade, explorada pelo sentimento puro do amor de uma mãe, que jamais acreditaria na maldade do filho, e diversas evidências, que contrapõem as crenças da progenitora, escancarando inconsistências e evidenciando uma inocência que não deve ser quebrada.

Além disso, a Repetição também se estende na matéria inteira, para a validação do personagem psicopata de Lázaro. Ao chegar nos 20 minutos da matéria, vídeos de Lázaro trabalhando são expostos, complementados pelos comentários de Cabrini, que enaltece o perigo de Lázaro, capaz de encantar as pessoas e ganhar sua confiança ao se disfarçar de trabalhador comum.

No mesmo minuto, o depoimento da mãe sobre Lázaro sustentar a família desde que ele tinha 10 anos de idade é contraposto com a matéria o colocando como principal acusado dos crimes da região, repetindo a ideia do mesmo ser um maníaco, gerando medo nos moradores da região. Para Barthes (1979), isso seria a relação de Coincidência, isto é, a Repetição e Antítese flertando entre si, legitimados por provas selecionadas.

Após essa passagem, a matéria começa a dar enfoque na caçada propriamente dita, onde o apresentador do Balanço Geral de São Paulo, Reinaldo Gottino, utiliza novamente da primeira pessoa do plural para trazer o telespectador para uma posição de importância na investigação. Durante a perseguição, Gottino diz que “começamos a perceber que a região ficou vazia, as pessoas fugiram dali com medo de que o Lázaro fosse aparecer”.

Bacci, em 25 minutos e 35 segundos da matéria, concorda com Gottino e afirma que o “clima da região foi ficando desesperador, parecia uma cena do fim dos tempos... filas de carros deixando a cidade”. Bacci atrela esse clima ao “fenômeno Lázaro”, que nada mais é do que o fenômeno da violência, que encontra um objeto para se incorporar. Para Angrimani (1995), o sensacionalismo não admite moderação, não existe meio termo, ou é ou não é, então

⁷ Disponível em:

<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/06/28/veja-itens-apreendidos-com-lazaro-barbosa-armas-biscoito-re-medios-e-faca.ghtml/> Acesso em: 19 set. 2024

se Lázaro é um psicopata, violento, todas as atitudes humanizadas que ele tiver serão logo justificadas por suposições de sua intencionalidade.

A operação policial que se instalou no estado de Goiás chegou a contar com uma equipe de mais de 270 agentes de segurança pública, dentre eles, Policiais Militares, Civis, Rodoviários e Federais, onde mais de 20 fazendas foram alvo de busca. Uma movimentação dessa escala só pode ser justificada se houver uma proporcionalidade de perigo, caso contrário, seria como matar uma barata com um canhão, onde a proposta é cumprida com eficácia, mas não com eficiência, porém sabemos que esse projeto tomou essa proporção por visar, na realidade, a efetividade.

A imprensa, ao relatar ações policiais de grande escala, muitas vezes exagera na cobertura para alimentar a sensação de que há uma ameaça iminente e que medidas extremas são justificadas. Esse tipo de abordagem não visa necessariamente a informação equilibrada, mas sim a criação de um espetáculo que prende a atenção do público (Angrimani, 1995, p. 58).

Apesar de conceitos parecidos, de forma resumida, a eficácia é a capacidade de cumprir o objetivo; a eficiência, de fazer o mesmo, mas utilizando o mínimo de recursos possíveis, enquanto a efetividade é considerada a mais importante dentro das instituições públicas, pois mede o desempenho baseado na percepção social das atividades.

Ou seja, para Barthes (1979), ao passo que a mídia aplica todos seus esforços na construção de um mito, nesse caso, do psicopata, da violência, as instâncias que se relacionam com a mesma, principalmente aquelas que têm ligação direta com exposição midiática, se sentem na obrigação de dar um parecer, ou minimamente mostrar que se importam com o problema.

Depois da matéria trazer um panorama sobre a grandiosidade da operação, aos 27 minutos e quatro segundos, Gottino culpabiliza o Caso Lázaro pela impunidade jurídica, ou seja, um criminoso como este só se tornou reincidente porque não foi parado. Esse argumento é extremamente generalista, e novamente podemos perceber uma Causa Perturbada presente nesse discurso.

Apesar de não ter anunciado com todas as letras, levando em consideração a história de Lázaro, podemos perceber que o apresentador induz o pensamento do telespectador para acreditar que se Lázaro tivesse sido preso, ou até mesmo morto, desde seu primeiro crime, nada disso estaria acontecendo. Basta pensar quais seriam as possíveis soluções para o

criminoso, que foi preso em seu primeiro crime, ficando foragido durante muito tempo, e assim quando reincidente, seu paradeiro logo foi rastreado e as buscas se iniciaram.

Quando sua história é apresentada, é perceptível que as instituições militares fizeram o que estava ao seu alcance para impedir que Lázaro continuasse realizando seus crimes. Se o problema foi a impunidade do sistema judiciário, que é completamente contrário aos atos cometidos pelo mesmo, isso significa que ele não é falho, mas insuficiente.

Prosseguindo nessa linha de raciocínio, a única coisa que o judiciário poderia ter feito de diferente para lidar com o criminoso seria uma pena de morte, no caso da nossa Constituição, proibida, pois todas as outras medidas disponíveis seriam consideradas como semeadores de impunidade, consequências pequenas demais se comparadas com as causas.

Dando continuidade à reportagem, aos 28 minutos e sete segundos, Luiz Bacci volta a dizer que Lázaro estava à frente dos policiais: “...a área de busca só se aumentava, e você não sabia com quem estava lidando. Era uma guerra que a gente tava enfrentando contra um inimigo invisível, um inimigo desconhecido, um inimigo imprevisível”.

Mais uma vez, o telespectador se desloca para a posição de investigador, pois os pensamentos, conclusões e sentimentos que ele está sentindo são similares aos dos jornalistas e policiais, então os pensamentos e opiniões gerados por um tema em comum possuem a mesma validade. Podemos perceber também o uso da Repetição, que coloca Lázaro como um criminoso muito inteligente, que sabia o que estava fazendo, à frente da operação policial.

A matéria então nos apresenta mais um personagem dramático: Ednaldo Barbosa, pai de Lázaro. Este, chega para ser, paradoxalmente, a Antítese da Antítese. Por ser um familiar da vítima, um pai, se esperava algum nível de conexão sentimental, o que inclusive daria mais força para o discurso de Eva, a mãe. Porém, Ednaldo demonstra não reconhecer o filho, e que o considerava como um monstro devido às histórias que ele estava ouvindo sobre o mesmo.

Ednaldo, ainda, aos 29 minutos e 52 segundos, afirma ter ouvido boatos de que Lázaro iria atrás dele para matá-lo. Um filho matando um pai, isso é um *fait divers* pronto, sem necessidade de exploração de sentidos, lapidar personagens, tudo já vem praticamente pronto. Ainda assim, Bacci levanta a suposição de que Lázaro tenha desaparecido devido a aparição de seu pai, e que se fosse atrás de seu pai para assassiná-lo, seria em um ato de vingança devido ao passado turbulento entre eles.

Angrimani (1995) diz que a busca pela audiência, a qualquer custo, leva os meios de comunicação sensacionalista a dar enfoque a perspectivas que causem medo, curiosidade e

indignação dos telespectadores. O medo de um assassino em série à solta, a curiosidade sobre suas motivações, e agora, a indignação causada pela ideia de um filho querer matar seu próprio pai, tudo isso catalisa o caos gerado por essa situação, mesmo que todas essas grandezas não sejam tangíveis.

Após isso, a matéria faz uma contextualização sobre a relação de paternidade entre Ednaldo e Lázaro, expondo uma convivência repleta de dificuldades. Podemos ver uma Causa Perturbada, que coloca mais interrogações do que pontos finais nessa história, uma vez que nada é de fato comprovado. Não há indícios que Lázaro iria atrás de seu pai, testemunhas que pudessem comprovar seus depoimentos, e muito menos provas palpáveis de que Lázaro alimentava algum desejo de vingança, fugindo da veracidade.

A imprensa sensacionalista frequentemente coloca em segundo plano a veracidade dos fatos em favor da necessidade de manter o público interessado e entretido. Isso ocorre, mesmo que a busca por engajamento implique em distorcer ou exagerar determinados aspectos da realidade. Conforme Angrimani (1995, p. 54), essa prática reflete uma estratégia em que o apelo emocional prevalece sobre o rigor informativo, moldando a cobertura jornalística para atender às expectativas e ao desejo de espetáculo por parte da audiência

A Antítese entre os depoimentos da mãe, que em todo momento negou acreditar na possibilidade de Lázaro ser um assassino, com os do pai, mesmo ausente, que diz não reconhecer o monstro criado, fomenta ainda mais o sentimento de compadecimento pela mãe, cada vez mais colocada como uma pessoa pura, que deve inclusive ser protegida.

Podemos perceber também uma Causa Esperada quando sua tia, Zilda, aos 34 minutos e 35 segundos da reportagem, afirma saber que Lázaro usava apenas maconha, mas que não gostava de beber álcool ou consumir outras substâncias. Mesmo que Zilda coloque a maconha como algo pequeno, o telespectador, que está sendo colocado diante de um enredo, encaixa essa peça como fundamental no arquétipo da personalidade de Lázaro, assumindo que o mesmo, além de um assassino inescrupuloso, era também um usuário de drogas.

A matéria então passa a recapitular a história de Lázaro, desde seus primeiros crimes, explorando mais personagens dramáticos (Barthes, 1979), e apesar de tratar-se de crimes ocorridos há mais de uma década, são colocados paralelamente aos que recentemente ocorreram, incrementando o nível de comoção na tentativa de um desfecho para essa história.

Lázaro foi morto em uma troca de tiros com policiais dentro de uma mata, entre as regiões de Cocalzinho e Águas Lindas, no estado de Goiás. Segundo o depoimento do

tenente-coronel Edson para o Jornal do Estado de Minas⁸, Lázaro efetuou os primeiros disparos na direção dos policiais, que revidaram com mais de 125 disparos, 60 deles, atingindo o corpo do criminoso, que milagrosamente sobreviveu a essa emboscada.

Entretanto, ainda segundo o tenente-coronel Edson, Lázaro não sobreviveu devido à falta de sinal telefônico na região, que impediu o acionamento de socorro. Evidentemente, a indisponibilidade imediata de auxílio médico não foi determinante no desfecho de Lázaro, que independentemente, estaria vivenciando seus últimos momentos de vida.

Voltando à reportagem do Câmera Record, ao reviver os primeiros crimes de Lázaro, sem fornecer um epílogo, a sensação de indignação permanece mesmo após a morte do criminoso, ato esse que foi construído pela matéria como a punição merecida, ou, pelo menos, esperada. A impunidade jurídica é engolfada pela penalidade do executivo, que aparece quando a teoria não se materializa na prática, e torna-se necessário a ação de medidas drásticas.

A mídia sensacionalista utiliza suas ferramentas discursivas como gerenciadoras de crise, usando a informação como base e direcionando a atenção dos telespectadores para reflexões que não se relacionam diretamente com o objeto, mas com os dilemas secundários que o rodeiam.

Mesmo com a matéria tendo dedicado seus esforços na criação do personagem de Lázaro como um psicopata, que age de maneira solitária, os últimos minutos da reportagem trazem um outro panorama, o qual não fora explorado em nenhum momento. Eva, mãe de Lázaro, afirma que seu filho comumente via uma suposta mulher de noite, que acariciava sua cabeça enquanto ele tentava dormir.

Aos 45 minutos e 12 segundos, Eva diz: “Lázaro não era sozinho... tem alguma coisa com ele”, acompanhado de uma atmosfera dramática, mística, colaborando com os boatos que vinham aparecendo sobre Lázaro ser considerado por intolerantes religiosos como macumbeiro. Além disso, em nenhum momento da matéria foi sequer citada a relação de Lázaro com questões religiosas, de qualquer doutrina.

Esse racismo religioso romantizado levanta o questionamento do criminoso ter alguma ligação com um lado espiritual, obviamente, maligno, e que mesmo não sendo

⁸ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2022/06/09/interna_nacional_1372292/lazaro-barbosa-morreu-com-mais-de-60-tiros-o-confronto-final-em-detalhes.shtml Acesso em: 25 set. 2024

propriamente dito, induz o telespectador a acreditar que essa ligação seja importante nas motivações de Lázaro. Entretanto, não existe um desfecho para esse levantamento, não é como se isso fosse ser explicado em algum momento, seja confirmando ou descartando essa possibilidade.

A dúvida continua na cabeça do espectador, que para tranquilizar as dúvidas angustiantes da própria consciência, apossa-se de conclusões baseadas naquilo que reconhece, manipuladas e sensacionais, como uma tomada de consciência que trouxesse sentido para as perguntas que não foram respondidas.

Essa Causa Perturbada não coloca um ponto final na história de nosso protagonista, como se agora, ele perdesse a posição imputada de símbolo da violência, algo importante na luta contra o crime, retornando ao seu estágio inicial de peão. Ele fez o que fez porque era um psicopata? Uma vítima do sistema? Ou será que ele tinha contato com entidades malignas que o acompanhavam?

Esses questionamentos não serão respondidos pela reportagem, são apenas perturbados na cabeça do telespectador, que continua carente, com medo, de algo que nunca tangeu sua realidade, e nunca irá, pois nunca existiram de fato, são apenas especulações e possibilidades, teorias vagas de algo que muito mais se relaciona com uma das infinitas turbulências recorrentes, advindas da fragilidade de nosso sistema, e do discurso jornalístico sensacionalista.

A matéria, então, finaliza com imagens aéreas da Barra do Mendes, na Bahia, local de nascimento de Lázaro, dando a entender que agora as coisas estavam tranquilas, enfim, as pessoas poderiam descansar em paz, sem o medo da possibilidade de um assassino estar dormindo na casa ao lado. Ao mesmo tempo, depois de toda a construção da matéria, invoca no inconsciente do telespectador a ideia de que, apesar de Lázaro não ser mais uma preocupação, um dia ele já foi, e conviveu socialmente durante muitos anos.

Em outros termos, a reportagem induz o pensamento de que podem existir vários como Lázaro agora, se relacionando socialmente com normalidade, escondidos às claras. De fato, essas pessoas realmente existem, porém, não necessariamente se encaixam com os estereótipos percebidos em Lázaro, podendo ter motivações e comportamentos completamente diferentes, mas com atos tão hediondos quanto. Angrimani (1995) define:

A imprensa sensacionalista tende a criar estereótipos que reforçam o medo e a desconfiança no público, levando-o a acreditar que qualquer pessoa pode representar

uma ameaça iminente. Esse recurso explora o imaginário popular, distorcendo a realidade e ampliando a sensação de insegurança. (Angrimani, 1995, p. 63).

O problema é que a sociedade não pode se sentir responsável de agir e julgar outros dessa maneira, é justamente para isso que existem os poderes estatais. O medo da impunidade judiciária e a atuação tardia do executivo sensibilizam a população, trazem o ímpeto de justiça popular, como se todo mundo pudesse fazer sua parte na identificação e julgamento de criminosos como Lázaro.

Novamente, essa é uma verdade parcial, pois na maioria das vezes, a idealização midiática policalesca de um criminoso não representa em sua forma no mundo real, e essa imagem em questão, serve apenas para perpetuar o mito da violência, alimentando o sistema mercadológico midiático vigente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o explícito, essa monografia teve seus objetivos alcançados, respondendo os questionamentos propostos, escancarando a realidade sensacionalista do jornalismo contemporâneo. A análise feita em cima de “Os 20 dias de Lázaro”⁹, do programa Câmera Record, cumpriu com as expectativas iniciais por tratar-se um *fait divers* com extremo potencial de exploração, no nível informativo mercadológico.

Percebe-se que o Câmera Record, apesar de se auto considerar um programa de documentários jornalísticos, age como *hollywood*, porém com todas as suas produções “baseadas em fatos reais”. Lázaro foi usado de justificativa para comportamentos e discursos violentos, recheado de ideologias, através dos enfoques circunstanciais na história de Lázaro.

Mediante as questões que são levantadas pela análise de um discurso sensacionalista, sob a ótica Barthesiana, deve-se primeiramente esclarecer que não há problema em um telespectador vivenciar uma realidade que não é sua, é justamente para isso que existe a indústria do entretenimento, que deve ser minuciosamente diferenciada da mídia informativa.

A mídia informativa baseia-se na realidade do consumidor, e por ser muito generalista e verossímil, confunde, dificulta a diferenciação do que pode ser aplicado à realidade particular e o que é inerente à sociedade como um todo. Por isso, a realidade criada pelo jornalismo pode ser perigosa, pois trabalha com certezas justificáveis por circunstâncias epistemológicas, facilmente aplicáveis a diferentes realidades.

As instâncias midiáticas se instauraram como impérios soberanos, onde a qualidade da produção legitima o conteúdo, afinal, “eles não deixariam passar na televisão se fosse mentira”. Essa frase em questão é a realidade de muitos brasileiros, acostumados com a excelência dos projetos televisivos, que mascaram suas ideologias com discursos lapidados supostamente à prova de falhas, deixando o público quase que sem escolha a não ser tomar aquilo como verdade.

Como foi visto neste trabalho, os *fait divers* se aproveitam justamente dessa confiança que o espectador coloca nas instâncias midiáticas, uma soberania do controle remoto. O espectador, segundo Angrimani (1995), fica na posição de *voyeur*, pois, mesmo que em seu inconsciente, se debruça nessas realidades perversas, saciando um prazer que somente a exploração destes temas pode trazer.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-CwJc-tCMKs> Acesso em: 10 de out. 2024

No Brasil, todo veículo midiático televisivo e radiofônico precisa dedicar minimamente 5% de sua programação diária para serviços noticiosos¹⁰. Entretanto, isso não quer dizer que esses programas serão de cunho informativo, afinal existem diversas formas de noticiar, como através de um conteúdo propriamente informativo, sensacionalista, opinativo, dentre outros, que flertam entre si com ou sem pretensões.

Quando o gênero informativo passa a ser explorado devido ao seu grande potencial de influência, com mudanças sutis em seus discursos que entram despercebidas no inconsciente do espectador, ele deixa de ser uma ferramenta de informação e passa a ser uma arma de manipulação. Bombardeados por ideais presentes no subtexto, somado a frequência constante que eles ocorrem, o espectador entra em um modo reflexo, onde o cérebro já tem respostas prontas para os estímulos que se tornaram tradicionais.

O jornalismo policial e o sensacionalismo se fundiram, transformando-se no que conhecemos como policialesco. Esse gênero tem seu foco principal na espetacularização de sentimentos inerentes ao ser humano, como a curiosidade pela violência, a agonia, raiva, além do medo, que continua mesmo depois do Caso Lázaro ter tido um ponto final.

Lázaro foi mais um *fait divers* (Barthes, 1957) criado pela instância midiática para invalidar o poder que o estado detém, dando força para discursos pró-armamentistas, ideais que ferem os direitos humanos, fortalecendo a ideia do poder individual. É um efeito borboleta, como se a existência de Lázaro servisse de respaldo para produtores rurais de diversas partes do país, com condições financeiras muito destoantes com a das vítimas do criminoso, o utilizassem de justificativa para o porte de armas militares para se proteger de criminosos que se encaixem no modelo de Lázaro.

A repercussão dos discursos levantados no Caso Lázaro, em nível social, é inesperada pelos profissionais da comunicação, imprevisível. As Causas Esperadas e Perturbadas, além das Antíteses e Repetições, são discursos praticamente improvisados, reativos, que se aproveitaram da história de Lázaro, explorando suas potencialidades sensacionalistas. Este trabalho, portanto, evidencia o modelo jornalístico policialesco vigente, deixando claro suas incongruências.

¹⁰ Disponível em:

<https://www.sindiradio.org.br/noticias/item/toda-a-radio-precisa-veicular-conteudo-jornalistico.html> Acesso em: 9 out. 2024

É preciso esclarecer, finalmente, que não existe, necessariamente, uma intenção específica por parte dos veículos jornalísticos, em suma maioria, a exploração das Causas ocorre de maneira natural, orgânica. É como se os profissionais da comunicação não tivessem de fato consciência plena das consequências da propagação desses discursos.

Isso não os isenta completamente da responsabilidade, apenas indica uma precarização do jornalismo, a tendência que o mesmo está seguindo, no caso, caminhando lado a lado com o capitalismo e seus dilemas mercadológicos. Por fim, “Os 20 dias de Lázaro”, se aproveita com totalidade da história de Lázaro, expondo dilemas específicos, sensacionalistas, que, novamente, colaboram para a propagação de pós-verdades, estereótipos e caos generalizado.

REFERÊNCIAS

- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: imprensa sensacionalista - uma colaboração para o estudo do jornalismo, tendo como objeto de pesquisa o jornal Notícias Populares. 1993. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- AZEVEDO, Gilmar de; WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Educação e mídia**: sensacionalismo e fait divers – o caso “Júlio Rosa” de O Nacional. Disponível em: [http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20e%20Grupos%20de%20Trabalho%20\(GTs\)/Regional%20Erechim/GT%201/Regional_Erechim_2013%20\(1\).pdf](http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20e%20Grupos%20de%20Trabalho%20(GTs)/Regional%20Erechim/GT%201/Regional_Erechim_2013%20(1).pdf). Acesso em: 3 out. 2024.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. São Paulo: Nacional, 1979.
- BELÉM, Vitor et al. A cobertura jornalística no Caso Lázaro na TV Record: reflexões sobre sensacionalismo, violação dos direitos humanos e as relações com o ensino das práticas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 19., 2021, Brasília. **Anais eletrônicos [...]** Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/a-cobertura-jornalistica-no-caso-lazaro-na-tv-record-reflexoes-sobre-sensacional>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- CRUZ, Fábio Souza da; CURI, Guilherme Oliveira; REDÜ, Natália. Communication breakdown: a cobertura do show de Robert Plant no festival Lollapalooza à luz do fait divers. *In*: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO, 15.; CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Pelotas: UFPel, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1904-1.pdf>. Acesso em: 22 out. 2024.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- RAMOS, Roberto. Roland Barthes: semiologia, mídia e fait divers. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 14, p. 119-125, 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/93341563/3108-10478-1-PB>. Acesso em: 10 out. 2024.
- SAUSSURE, Ferdinand de; BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf (org.). **Escritos de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.